



Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM ENSAIO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UMA HIPÓTESE PSICODIAGNÓSTICA¹

AUTISTIC SPECTRUM DISORDER: AN ESSAY ABOUT THE CONSTRUCTION OF A PSYCHODIAGNOSTIC HYPOTHESIS

Amanda Hoffmann de Oliveira², Rafael da Silva Tassotti³, Eduarda Almeida dos Santos⁴, Eduíno Jahns do Nascimento⁵, Mari Sandra Correa Garcia⁶, Carolina Baldissera Gross⁷

¹ Pesquisa desenvolvida no componente curricular de Psicodiagnóstico Clínico do Curso de Psicologia da Unijuí.

² Acadêmica do curso de Psicologia pela Unijuí.

³ Acadêmico do Curso de Psicologia da Unijuí.

⁴ Acadêmica do curso de Psicologia pela Unijuí

⁵ Acadêmico do curso de Psicologia pela Unijuí

⁶ Acadêmica do curso de Psicologia pela Unijuí

⁷ Docente do curso de Psicologia pela Unijuí

RESUMO

Trata-se de um estudo investigativo acerca do processo de psicodiagnóstico em casos de suspeita de Transtorno do Espectro Autista (TEA), integrando as técnicas psicológicas presentes nesse processo, assim como seus instrumentos avaliativos.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico. Autismo. Instrumentos. Técnicas.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo elucidar alguns dos aspectos do processo de psicodiagnóstico clínico em caso de suspeita de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para isso, iremos desdobrar o desenvolvimento deste processo no que concerne ao seu eixo técnico e instrumental, salientando a importância do uso de metodologias adequadas à especificidade de cada caso, que aqui serão apresentadas através dos Protocolos IRDI e PROTEA-R, entrevistas familiares, testes psicológicos, hora lúdica entre outros.

METODOLOGIA

A presente pesquisa tem como característica sua natureza básica, de cunho bibliográfico e qualitativo, bem como sua face exploratória que instituirá as nuances referentes ao processo de psicodiagnóstico do Transtorno do Espectro Autista. O conteúdo



elaborado se deu através do estudo de artigos científicos e dissertações encontradas em periódicos online nacionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A etiologia do Transtorno do Espectro Autista é discutida por diversas áreas, havendo divergência entre elas. Tem como principais características algumas especificidades no que concerne ao comportamento afetivo, comunicação interpessoal e pobreza simbólica do sujeito.

Assim como em qualquer situação de psicodiagnóstico clínico, é preciso considerar aspectos singulares e subjetivos, bem como, a idade dos sujeitos, na escolha das técnicas e instrumentos a serem utilizados. Dessa forma, não há um “modelo” fechado de psicodiagnóstico a ser aplicado em caso de suspeita de autismo. Como afirma Arzeno (1995), cada sujeito vai exigir do profissional a elaboração de uma estratégia de trabalho singularizada. Nesse sentido, a escolha de técnicas e/ou testes deve ser feita de forma cuidadosa, considerando, segundo Seimetz, que sujeitos com autismo “[...] costumam apresentar os mais diversos perfis no que diz respeito a cognição, sociabilidade, comunicação, adaptabilidade e padrões de comportamento.” (2018, p.8).

O IRDI, Indicadores Clínicos de Desenvolvimento Infantil, é um instrumento de ampla utilização, não sendo restrito aos profissionais da psicologia. Configura-se como uma ferramenta importante na detecção de risco e sofrimento psíquico nos primeiros 18 meses de vida (WILES *et al.*, 2017). O protocolo IRDI é baseado na teoria psicanalítica e organizado através de eixos, sendo eles: Suposição do Sujeito (SS), Estabelecimento da Demanda (ED), Alternância Presença-ausência (PA) e Instalação da Função Paterna (FP), dentre esses eixos os itens avaliados são classificados em presentes, ausentes ou não observados, sendo ausente um fator de risco (KUPFER *et al.*, 2009 apud WILES *et al.*, 2017). Percebe-se que o IRDI avalia a vinculação entre o bebê com as funções parentais, aspecto importante em hipótese de autismo. Wiles *et al.* (2017) afirmam que o protocolo é válido para este fim, desde que utilizado em associação com outras formas de avaliação, não podendo ser utilizado como um instrumento taxativo de diagnóstico, mas sim como um indicador de risco.

Ainda referente a instrumentos não restritos a psicólogos existem os questionários e escalas CARS-BR (Childhood Autism Rating Scale), M-CHAT (Modified Checklist for



Autism in Toddlers) e o PREUT. Mas, destaca-se o instrumento desenvolvido pelo Cema - Centro de Avaliação Multidisciplinar em Autismo - que possui vínculo com a Universidade Federal do Rio Grande do sul (UFRGS), o Protocolo de Avaliação Comportamental para Crianças com Suspeita do Espectro Autista - Revisado (Protea-R) (BOSA *et al.* 2016).

Considerando a vasta gama de padrões comportamentais no TEA, Bosa (*Ibid.*), apontam para as dificuldades quanto ao diagnóstico. Vale ressaltar que em muitos quadros de autismo há um severo comprometimento da linguagem o que limita a utilização de muitos instrumentos. Segundo as autoras, o Protea-R foi desenvolvido para contemplar o diagnóstico de sujeitos autistas não verbais.

O sistema de avaliação completo é composto pelas seguintes técnicas: 1. entrevista parental; 2. protocolo de observação do comportamento e escala; 3. manual de definição operacional dos comportamentos; 4. manual de conduta do avaliador; e 5. diretrizes – entrevista de devolução e elaboração de parecer (BOSA *et al.*, 2016, p. 196).

De acordo com Bosa *et al.*, o Protea-R caracteriza-se por ser um instrumento de observação, “que se destina a avaliar a qualidade e a frequência de comportamentos característicos do TEA (isto é, comprometimentos sociocomunicativos e presença de comportamentos repetitivos e estereotipados)” (*Ibid.*, p. 198).

Em relação aos instrumentos projetivos no psicodiagnóstico por suspeita de autismo, pode-se destacar o *Rorschach*. De acordo com Formiga e Mello, por projetivo entende-se o estímulo não estruturado sobre o qual o sujeito projeta aspectos de sua subjetividade, geralmente inconscientes, sendo assim “[...] as técnicas projetivas utilizadas pelos psicólogos, ou por alguns, ajudariam a captar esse mundo simbólico que, na maioria das vezes é difícil de ser expressado pelo indivíduo em sua linguagem verbal.” (FORMIGA; MELLO, 2000, p. 18). Todavia, Oliveira (2010) adverte que a aplicabilidade do instrumento só é possível em sujeitos com a comunicação verbal relativamente preservada.

Nesse sentido, por se tratar de processo complexo, o uso de testes psicológicos tradicionais pode não se apresentar como o método mais adequado para o psicodiagnóstico do TEA pela baixa taxa de resposta destes métodos convencionais (BANDEIRA; SILVA, 2017 *apud* SEIMETZ, 2018). Logo, podemos presumir que a hora lúdica tende a se mostrar como



uma ótima ferramenta de avaliação, que irá, conseqüentemente, potencializar a análise dos resultados de outras técnicas utilizadas no processo avaliativo.

A observação da criança em contextos lúdicos no processo de psicodiagnóstico do TEA é fundamental. A hora lúdica disponibiliza de vários modelos de interação social com a criança através brinquedos, jogos e estímulos simultâneos, e, nesse contexto de interação social, é possível observar fatores de risco que apontem para o diagnóstico do TEA, como déficits nas habilidades sociocomunicativas ou de reciprocidade social.

Uma avaliação fundamentada na observação das dificuldades infantis nas áreas “comprometidas”, assim como das potencialidades particulares da criança, permite o planejamento de futuras intervenções pertinentes que contribuam para o desenvolvimento de suas habilidades. (SEIMETZ, 2018, p. 17-18).

As crianças com TEA apresentam uma menor frequência de gestos sociais espontâneos, além de usualmente não mostrarem objetos de seu interesse durante a interação social, ou ainda, não atendem ao chamado do outro de forma espontânea (MUNDY; SIGMAN, 1989 *apud* SEIMETZ, 2018).

Outro importante instrumento nesse processo é a entrevista clínica inicial com os pais ou responsáveis pela criança em psicodiagnóstico clínico. Para ser realmente informativa, a entrevista deverá contemplar e cobrir tópicos básicos como: história social e familiar, história médica da criança e história do desenvolvimento. São nas entrevistas familiares que, de forma mais detalhada, pode-se montar uma estratégia de intervenção mais adequada ao caso (ARZENO 1995).

As entrevistas familiares também podem ser inseridas em momentos convenientes do psicodiagnóstico, pois, diferentemente da entrevista clínica inicial, elas constituem-se como espaço de interação entre a família, e mostram-se como um momento adequado para detectar possíveis conflitos entre os responsáveis e a criança, que podem estar comprometendo a evolução das potencialidades da mesma. Em muitos casos esses conflitos só são evidentes para o profissional, o que possibilita que este comunique e dialogue sobre o assunto diretamente com os pais, frente à criança (*Ibid.*, p. 168).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O psicodiagnóstico é um processo a ser construído levando em conta os aspectos singulares do sujeito a ser avaliado. Considerando a hipótese de TEA, transtorno em que as manifestações sintomáticas apresentam diversas combinações, é preciso responsabilidade na escolha adequada dos instrumentos para que não haja equívocos no diagnóstico, a fim de possibilitar uma adequada indicação do tratamento posterior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARZENO, Maria Esther Garcia. Cap. 7: Seleção da Bateria de Testes e a sua Sequência. In: **Psicodiagnóstico Clínico: novas contribuições**. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 63-71, Cap. 15. p. 166-179. 1995.

BOSA, Cleonice Alves; ZANON, Regina Basso; BACKES, Bárbara. Autismo: construção de um protocolo de avaliação do comportamento da criança - Protea - R. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 194-205, jan. 2016.

FORMIGA, Nilton Soares; MELLO, Ivana. Testes Psicológicos e Técnicas Projetivas: uma integração para um desenvolvimento da interação interpretativa indivíduo-psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 12-19, jun. 2000.

OLIVEIRA, Maria Helena de. Capítulo 2: O Método de Rorschach e Autismo. In: **Aplicabilidade do Rorschach na Avaliação Psicológica do Autismo**. Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, p. 43-47, 2010. Dissertação de Mestrado.

SEIMETZ, Giovanna Dornelles. **Avaliação psicológica da criança com suspeita de Transtorno do Espectro Autista**: desafios para o avaliador. 2018. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 8-20, Porto Alegre, 2018. Trabalho de Conclusão de Curso.

WILES, Jamille Mateus; OMIZZOLLO, Poliana; FERRARI, Andrea Gabriela; SILVA, Milena da Rosa. A Pesquisa IRDI e seus desdobramentos: uma revisão da literatura. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 1140-1161, jul. 2017.